

Fragmentos do quotidiano de vida das Ciências Sociais (1)

Telmo H. Caria (tcaria@utad.pt)

Quem, como eu, faz parte de uma comunidade de investigadores e docentes das Ciências Sociais em Portugal, contribui inevitavelmente com a sua acção (queira ou não queira, com intenção ou por omissão) para uma cultura do nosso quotidiano, que socializa os mais novos no como fazer, no como pensar e no como estar em Ciências Sociais. A cultura do quotidiano desenvolve-se (de modo desigual) na interacção social entre pares, em co-presença ou à distância, nos espaços e tempos em que se desenvolve uma actividade que é específica e interna às Ciências Sociais. Refiro-me à interacção social nos Centros de Investigação, nos Departamentos, nos Conselhos de Redacção de revistas científicas, nas associações científicas, nos Congressos e Conferências; nos júris de provas e concursos, etc. Neste texto, pretendo criticar um aspecto particular da nossa cultura profissional: o modo como não se faz debate intelectual e científico sério dentro da nossa comunidade.

Nos actos públicos que dão a conhecer os produtos científicos junto da comunidade respectiva (Congressos e seminários organizados pelas Associações disciplinares, pelos Centros de investigação e pelos Cursos Pós-Graduação) existe uma concepção de “cultura espectáculo”, a saber: (1) os comunicantes falam cada um por si, muitas vezes com visões díspares, parecendo ser um sinal de “má educação” entrarem em confronto uns com os outros ou admitirem que discordam entre si; (2) os moderadores e comentadores parecem ser escolhidos com base no critério de serem “bons diplomatas”, sem nada de relevante para dizer; (3) há uma clara dicotomia entre quem fala e quem ouve, pois o tempo destinado aos comunicantes e aos participantes (mesmo quando é constituído por pares), é sempre desigual, e quase sempre uma caricatura de participação. Os ditos participantes, na sua maioria, seguem de perto o ritual: permanecem em silêncio; falam para elogiar, para dizer que se gostou ou para contar um episódio que julgam ilustrar o que foi dito; pedem desculpa por discordar, passando de seguida a contar mais um episódio que supostamente desmente o comunicante. As raras vezes em que parece haver confronto intelectual de ideias, tal facto é quase sempre descodificado pelos ouvintes como reflexo de lutas pessoais anteriores.

Vejamos, ainda, mais três factos que reflectem esta nossa cultura profissional: provavelmente não são mais do que meia dúzia, os artigos de debate científico e confronto de ideias que nos últimos 25 anos foram publicados nas páginas das três ou quatro principais revistas de Ciências Sociais existentes em Portugal; as recensões críticas de trabalhos científicos publicados editadas pela generalidade das revistas de Ciências Sociais, são pobres, pois são quase sempre estritamente informativas e descritivas, como se se tratassem de textos para jornais não especializados; os textos (quando existem) dos *referee*, que avaliam os artigos que são submetidos a apreciação para publicação nas revistas científicas, são demasiadas vezes resumos generalistas, quase sem fundamentação e comentário desenvolvidos.

Face a este panorama é fácil perceber a enorme ansiedade em que se encontra a grande maioria dos aprendizes das Ciências Sociais quando publicamente são avaliados e têm que defender o seu pensamento perante júris de provas académicas.

Dirão alguns: não há tempo para nos dedicarmos a estas actividades de modo tão aprofundado. Resposta: de facto as actividades de debate intelectual (e suas ramificações) exigem tempo, porque exigem preparação demorada e dedicação, mas é cada um de nós que gere uma parte do seu tempo. E no tempo disponível, que está ao nosso alcance, fazemos as escolhas mais fáceis e mais rendíveis para progressão na carreira universitária, mesmo em contradição com aquilo que declaramos em discurso como justo e que criticamos como errado nos outros.

Somos responsáveis (todos!) pela cultura profissional que “fabricamos”. Não somos vítimas de estruturas inconscientes (um *habitus científico?*), nem de perversas hegemonias e interesses dominantes. Serão estas preocupações e críticas o reflexo de uma visão psicologista inspirada nas "modas pós-modernas"¹?

Fragmentos críticos do quotidiano de vida das Ciências Sociais (2)

Telmo H. Caria (tcaria@utad.pt)

Este texto dá continuidade a um outro, que publiquei com o mesmo título no último número d' *A Página da educação*. Pretendo com eles criticar aspectos particulares da cultura profissional quotidiana das Ciências Sociais (CS) em Portugal.

No texto anterior expliquei e descrevi quais eram os espaços e tempos, em que julgo, se cultiva e aprende a fazer, a pensar e estar numa comunidade científica. Em síntese, dizia que aqueles que de alguma forma se referenciam às CS, como eu, constroem e reproduzem, ainda que de uma forma desigual, um cultura profissional no modo como falamos e descrevemos o que fazemos em conjunto e no modo como consensualizamos rotinas de acção entre “nós”. A conclusão crítica que tiro do que descrevia é a de que os espaços e tempos públicos que poderiam potenciar o debate intelectual sério nas CS são utilizados pela nossa cultura profissional quase só para a consagração da pessoa que fala e quase nunca para a apreciação (não confundir com avaliação da competência!) partilhada e pública das suas ideias pela comunidade científica de referência.

¹ Coloco esta pergunta porque num outro texto da minha autoria, com finalidades diversas, mas que manifestava o mesmo tipo de preocupações, quanto ao resultado cultural e político da interacção social, foi comentado e qualificado por João Teixeira Lopes como “psicologista”, embora reconhecendo a sua actualidade temática. Cf. *Manifesto*, nº3, 2003, pp.128-133.

Num texto de 2002, da autoria de Curto, George e Jerónimo², o diagnóstico que se faz das CS em Portugal é demolidor, sendo surpreendente e bastante significativo, para mim, o facto de ser escrito como nota de apresentação de um livro e de não ter tido qualquer reacção escrita polemizadora, por exemplo, por parte dos porta-vozes da Sociologia institucionalizada em Portugal.

Penso que esta cultura profissional reflecte muito o que informalmente os Centros de Investigação são (ou que não são, para ser mais claro): existem equipas duráveis e continuadas de investigação?; existe debate intelectual entre equipas dentro de cada Centro?; existem parcerias e equipas inter-institucionais entre Centros? que revistas de Ciências Sociais existem que não sejam meros reflexos de instituições localizadas? que circulação de textos-rascunhos existe entre colegas que investigam em temáticas semelhantes? qual a frequência com que são publicados trabalhos colectivos (de vários autores) que não sejam apenas relatórios de resultados de grandes inquéritos?

A resposta que tenho para estas questões, no quadro da minha experiência e da de outros que me relatam a vida interna dos Centros de Investigação espalhados por todo o país, é a de que os Centros praticamente não têm vida colectiva, tudo se faz de modo disperso, muitas vezes de modo individualizado, sem condições de criar dinâmicas mais alargadas que possam entusiasmar os aprendizes das Ciências Sociais em geral.

A ser verdadeiro este diagnóstico, penso que poderemos mesmo perguntar se estamos em presença de uma comunidade científica ou, mesmo, de campos científicos suficientemente estruturados. No diagnóstico de Curto, George e Jerónimo, que falava atrás, afirma-se que estaremos perante "sistemas de patrocínio", típicos, digo eu, de um contexto universitário tradicionalista e conservador.

Mais uma simples pergunta: porque é que as instituições e organizações que ocupam um lugar central na estrutura de poder dos campos das CS em Portugal não criam uma lista electrónica geral e aberta a todos os interessados em informar, em reflectir e em debater as CS em Portugal? As "grandes dificuldades" que me dizem haver em criar algo do tipo, indicam-me que muito provavelmente terei razão neste diagnóstico.

² Curto, Diogo, George, João Pedro e Jerónimo, Miguel Bandeira (2002), "Nota de apresentação", in Bryan Turner (org.), *Teoria social*. Lisboa, Difel, IX-XIV.